

EXEGESE ICONOGRÁFICA DO ANTIGO TESTAMENTO/BÍBLIA HEBRAICA: NOTAS SOBRE O PASSADO, PASSOS PARA O FUTURO

ICONOGRAPHIC EXEGESIS OF THE OLD TESTAMENT/HEBREW BIBLE: NOTES ON THE PAST, PATHS FOR THE FUTURE

Silas Klein Cardoso¹

Resumo: A descoberta de dois *pithoi* em Kuntillet Ajrud, no nordeste do Sinai, em 1978, evidenciaram a inabilidade dos estudiosos da Religião de Israel, de forma geral, e de exegetas do Antigo Testamento/Bíblia Hebraica, em particular, em lidar com artefatos visuais e relacionar texto e imagem na pesquisa científica. O artigo, a partir de pesquisa bibliográfica, traça uma história da interpretação iconográfica da Bíblia Hebraica na segunda metade do século XX e nas duas primeiras décadas do século XXI, percebendo movimentos de destaque. É sugerido que a Exegese Iconográfica se desenvolveu em três “ondas”, partindo de um núcleo suíço para, depois, alcançar o continente norte-americano: (1) a Escola de Friburgo; (2) as abordagens metafórico-iconográficas nos EUA; (3) reavaliações metodológicas transcontinentais. Ao final são apresentados problemas, limites e necessários desenvolvimentos para a prática da Exegese Iconográfica em terras brasileiras.

Palavras-chave: Exegese Iconográfica; História da Interpretação Bíblica; Bíblia Hebraica; Antigo Testamento

Abstract: The discovery of two *pithoi* at Kuntillet Ajrud in northeastern Sinai in 1978 evidenced the inability of the researchers of the Religion of Israel, in general, and of the Old Testament/Hebrew Bible exegetes, in particular, to deal with visual artifacts and to relate text and image in scientific research. The article, based on a bibliographical research, traces a History of the Iconographic Exegesis of the Hebrew Bible in the second half of the twentieth century and in the first two decades of the twenty-first century, noting prominent movements. It is suggested that the Iconographic Exegesis developed in three "waves", starting from a Swiss nucleus and then reaching the North American continent: (1) the School of Freiburg; (2) metaphorical-iconographic approaches in the USA; (3) transcontinental methodological reassessments. At the end are presented problems, limits and necessary developments to the Iconographic Exegesis practices in the Brazilian territory.

Keywords: Iconographical Exegesis; History of Biblical Interpretation; Hebrew Bible; Old Testament

¹ Doutorando (UMESP) e mestre em Ciências da Religião (UMESP). silasklein@gmail.com

Introdução

Até algumas décadas atrás, era impensável a união entre iconografia e exegese veterotestamentária. Mesmo para aquele que veio a se tornar o fundador do famoso movimento da Escola de Friburgo, Othmar Keel (1978, p.8), os dois acessos à história eram considerados opostos e inconciliáveis. Diversas razões podem ser elencadas para isso. A primeira era a pressuposição da não existência de imagens antropomórficas e/ou teriomórficas no Israel Antigo. É sabido que o texto bíblico tanto prega a não existência de imagens em escritos legais e narrativos (Dt 5.8; Ex 20.4; Lv 26.1), quanto traz paródias proféticas sobre imagens (Jr 10.1-16; Is 40.18-20; 41.5-14; 44.6-22; Os 8.4-6; Mq 5.12-13; Hc 2.18-19). A religião israelita, até poucos anos atrás (HACHLILI, 1992, Vol 1, p.447-454; *contra* TOORN, 1997, p. 229-248) era descrita como anicônica, i.e., sem uma imagem antropomórfica ou teriomórfica como objeto central de culto (METTINGER, 1997)². As famosas “estatuetas judeanas de pilar”, encontradas aos milhares em Judá, eram consideradas — em tom deuteronomista — pertencentes às esferas incautas, i.e., populares ou “não-oficiais”, criadas pela assim chamada “população idólatra”, conceitos hoje não aceitos (ALBERTZ, 1999; ZEVIT, 2001; STAVRAKOPOULOU, 2013, p. 37-58). Tal caráter marginal das imagens na teologia judaíta fez com que exegetas desprezassem as imagens do contexto do Israel Antigo.

A segunda razão parece ter sido a visível inabilidade e falta de treinamento para que exegetas lidassem com imagens. Sendo a Bíblia um livro composto exclusivamente por textos, seus métodos são baseados na textualidade escrita, à exemplo da historiografia crítica. Uma breve menção aos métodos mais utilizados serve de exemplo à questão: crítica textual, crítica das formas literárias, críticas dos gêneros literários, história redacional etc. Mesmo quando se buscava a história e o imaginário por detrás dos textos, o treinamento era logocêntrico, focalizando a tradução de textos, análise filológica e comparação com textos de mesma época. Imagens da cultura visual e arqueologia estavam sujeitas aos textos, ilustrando aspectos ou apenas apresentando características materiais epigráficas. Chegava-se ao absurdo de se omitir ou separar imagens de textos nas estelas mais antigas. Pouco, se alguma coisa dos manuais de exegese, traziam algo referente à interpretação da cultura visual como meio de acesso ao significado dos textos. Nas palavras de Keel e Christoph Uehlinger (1998, p. 395), os intérpretes eram como cegos, andando num mundo desconhecido. Traduziam textos de

² Para um panorama da pesquisa: BONFIGLIO, Ryan. “Images and the Image-Ban in the Hebrew Bible”. In: *OBSO*. Disponível: <<http://www.oxfordbiblicalstudies.com/resource/image.xhtml>>. Acesso: 16/03/2015

idiomas mortos e aplicavam tais traduções ao seu imaginário moderno, sem a preocupação de investigar as imagens que as palavras invocavam e criando, com isso, graves anacronismos.

A percepção da inabilidade na interpretação de imagens atingiu seu patamar com Kuntillet Ajrud. O desprezioso sítio do nordeste do Sinai, descoberto em 1978, trouxe elementos que desmontaram conceitos e histórias sobre a religião israelita: El, Baal, YHWH e sua Asherah em textos epigráficos e imagens (p.ex., *fig. 1*), no extremo sul judaíta. Pouco depois, já não foi mais possível contrapor religiões cananitas e israelita, por suas estruturas similares – i.e. politeísmo; hierarquia de Deuses; Conselho Divino; Tempos Sagrados; Adivinhação e Magia; Mitologia (NIEHR, 2013, p. 23-36)—e, logo, os oráculos bíblicos que pregavam a independência cultural e simbólica de Israel (Cf. Nm 23.9), começaram a soar suspeitos e artificiais. Desde então, sentiu-se a indispensabilidade de métodos visuais coerentes para a interpretação da História³ e Teologia do Antigo Testamento.

Pithos A, Kuntillet Ajrud: YHWH e sua Asheráe Cápridos, leão e árvore



Fonte: HADLEY, 2000, p. 116-117

Nosso artigo investiga, a partir de pesquisa bibliográfica, a história da interpretação iconográfica da Bíblia Hebraica, comumente designada “Exegese Iconográfica”⁴, percebendo movimentos de destaque que acreditamos contribuir à interpretação exegética veterotestamentária. Esse esforço justifica-se primeiramente pela escassez de fontes em

³ A investida nos estudos visuais não se deu apenas na pesquisa do Antigo Testamento. Peter Burke (2017), por exemplo, adicionou à sua coleção de escritos historiográficos a questão da imagem em “Testemunha Ocular: o uso de imagens como evidência histórica”, recentemente lançado no Brasil. Entretanto, seus estudos ainda tratam da imagem como *texto*, o que impede o aprofundamento no sentido da imagem.

⁴ Embora seja comum a utilização do termo “iconográfico”, a interpretação de imagens no âmbito da Exegese Iconográfica se relaciona com o método “iconológico” dos estudos de Erwin Panofsky. Pela preferência do termo nos círculos acadêmicos o utilizando, ressaltando sua nomenclatura imprecisa na teoria da imagem.

determinados períodos da História de Israel. Como é de amplo conhecimento, existem poucas fontes escritas dos tempos pré-exílicos (1000-586 aEC), assim, a utilização e leitura de fontes materiais, sejam arqueológicas ou iconográficas tornam-se pré-requisitos ao historiador da religião israelita. De igual modo, é necessário um arcabouço visual para compreender as imagens descritas nos textos e para notar o imaginário que surge por detrás dos textos. Assim, é interessante percorrer a história dos métodos iconográficos de interpretação para que fomenta a prática em terras tupiniquins. Nossa hipótese de pesquisa é que a Exegese Iconográfica se desenvolveu em três “ondas”, partindo de um núcleo suíço para, depois, alcançar o continente norte-americano: (1) a Escola de Friburgo; (2) as abordagens metafórico-iconográficas nos EUA; (3) reavaliações metodológicas transcontinentais. Ao final, traçamos problemas, limites e desenvolvimentos necessários à Exegese Iconográfica.

1. Primeira onda: a Escola de Friburgo

Antes da criação de uma Exegese Iconográfica, algumas iniciativas isoladas surgiram tentando fazer textos e imagens do Antigo Oriente Próximo comungarem. Compêndios de imagens, à moda da “paralelomania” textual da virada do séc. XIX-XX a.E.C., tentavam traçar paralelos de textos bíblicos às imagens do Antigo Oriente Próximo. É o caso do *Altorientalische Bilder Zum Alten Testament*, de Hugo Gressmann (1927), lançado originalmente em 1909 e do *Ancient Near Eastern Pictures Relating to the Old Testament* (ANEP), de James Pritchard (1969), cujo lançamento da primeira edição se deu em 1954. Essas publicações, entretanto, não prezavam qualquer sistematização histórica ou geográfica das imagens e não tinham consistência metodológica, operando por analogias e utilizando as imagens como ilustrações.

A grande reviravolta se deu da publicação do estudo seminal de Othmar Keel em 1972, intitulado *Die Welt der altorientalischen Bildsymbolik und das Alte Testament: Am Geizspiel der Psalmen*, que ganhou expressão ao ser traduzido ao inglês como *The Symbolism of the Biblical World* (KEEL, 1978). Ele foi o primeiro a “comparar sistematicamente [pela análise exegética e iconográfica] o mundo conceitual da Bíblia com o do Antigo Oriente Próximo” (KEEL, 1978, p. 11). O estudo fundou a chamada “Freiburg School”, ou “Escola de Friburgo”, na Suíça. Ali, sob a direção de Keel, pesquisadores como Urs Winter, Silvia Schroer, Christoph Uehlinger e Thomas Staubli (KEEL, 1998, p. 16), entregaram-se à tarefa de

descobrir e interpretar a cultura imagética da região palestina pela iconografia do Antigo Oriente Próximo, trazendo novas questões aos estudos bíblicos prévios.

Seu foco inicial eram as artes menores, principalmente no formato de *escaravelhos* [*scarabs*], selos com formato de inseto, que traziam imagens diversas. Um projeto de pesquisa chegou a ser organizado por Othmar Keel e Benjamin Sass, intitulado “*Origin and Effect of the Biblical Image Ban as Reflected in Inscribed Hebrew Seals of the 9th to 6th Centuries BC*”. Posteriormente, achados visuais de outras naturezas⁵ foram acrescentados às pesquisas.

Entre a imensa produção da Escola de Friburgo, principalmente através da série *Orbis Biblicus Orientalis* (OBO), há duas fases discerníveis. A primeira, exploratória, classificava e interpretava iconografias do Antigo Oriente Próximo. Nessa linha, tivemos, por exemplo: *Studies in the Iconography of Northwest Semitic Inscribed Seals*, editado por Benjamin Sass e Christoph Uehlinger (1993) e *Bilder as Quellen: Images as Sources*, revisões das aproximações iconográficas em congressos e palestras na Universidade de Friburgo (BICKEL; SCHROER; SCHURTE; UEHLINGER, 2007); *The symbolism of Biblical World*, que traduz, a partir dos Salmos e ícones do Antigo Israel, as metáforas visuais dos Salmos (KEEL, 1978); *Simbolismo do corpo na Bíblia*, de Silvia Schroer e Thomas Staubli (2003), que pretendia revitalizar a antropologia do Antigo Testamento — que jazia numa abordagem estritamente filológica e machista (p.ex., WOLFF, 2007) — a partir de informações iconográficas.

A segunda fase, ocupou-se principalmente em escrever uma história da religião a partir da iconografia do Antigo Oriente Próximo. Nessa linha, tivemos duas obras de grande repercussão e aceitação: *Gods, Goddesses and Images of God*, de Keel e Uehlinger (1998), além da enciclopédia de quatro volumes, organizada por Silvia Schroer e Othmar Keel, intitulada *IPIAO: Die Ikonographie Palästinas/Israels und der Alten Orient*⁶. Esses estudos passaram a ser pré-requisitos para qualquer narrativa histórica do Antigo Oriente Próximo e, em especial, à História do Israel Antigo (p.ex., FINKELSTEIN, 2015; RÖMER, 2015).

⁵ Hoje, a Exegese Iconográfica distingue cinco “tipos de imagens” de pesquisa: (1) amuletos e selos, que são considerados “artes menores” e que serviam para proteção, bênção, prosperidade ou poder de seus usuários; (2) marfins [*ivories*], também considerados “artes menores”; (3) moedas, utilizadas a partir de VII aEC, para facilitar o pagamento a soldados; (4) estátuas e estatuetas [*statues and figurines*], representações tridimensionais utilizadas também para culto; (5) arte monumental, que consistia em gravuras e pinturas de ampla escala, paredes esculpidas e fachadas de túmulos, que utilizavam narrativas visuais mais complexas. DE HULSTER; STRAWN; BONGIGLIO, 2015, p. 32-34

⁶ Informações do projeto em: *IPIAO: The Iconography of Palestine / Israel and the Ancient Near East*. Disponível em: <<http://www.ipiao.unibe.ch/en/index.html>>. Acesso: 5 de Agosto de 2014.

A Escola de Friburgo modificou irreversivelmente os estudos da História e da História da Religião de Israel. Entretanto, pela escassez de trabalhos na área, seus esforços foram principalmente de catalogação e de exploração dos materiais existentes, de forma especial na função das artes menores no imaginário religioso. O processo de Othmar Keel e seus seguidores no início, entretanto, era indutivo, não se preocupando em fomentar uma escola metodológica (STRAWN, 2017, p. xxvii). Com isso, a relação entre texto e imagem ficou em segundo plano na teoria iconográfica, o que a segunda onda tentou superar sob preocupações heurísticas.

2. Segunda onda: abordagens metafórico-iconográficas nos EUA

A segunda onda de estudos iconográficos tentou aprimorar a discussão sobre a relação entre texto e imagem. A abordagem escolhida foi da metáfora cognitiva, na linha dos linguistas cognitivos dos anos oitenta e décadas subsequentes, quando surgiram expoentes como George Lakoff, Mark Johnson e Zoltán Kövecses (KÖVECSES, 2010). Tais autores apresentaram metáforas não como meros floreios da linguagem, mas como estruturas sobre as quais o pensamento se articula (LAKOFF; JOHNSON, 1980; LAKOFF; JOHNSON, 2003). O referencial permitiu que os exegetas do Antigo Testamento conseguissem relacionar, via analogia, as imagens do AOP com metáforas do texto bíblico. A hipótese principal era de que as imagens poéticas refletiam a cultura visual corrente dos tempos bíblicos.

Uma monografia exemplar utilizando o método e imagens foi a de Martin Klingbeil (1999), com seu *“Yahweh Fighting from Heaven”*. No texto, o autor tentou corrigir alguns pressupostos que considerou errôneos nas pesquisas anteriores. Primeiro, para ele não há distinção entre o funcionamento de metáforas religiosas e não religiosas. Não é incomum teólogos sem referenciais imagéticos confundirem metáforas com descrições, perdendo a relação entre alvo e fonte. Esse problema se daria principalmente pelo segundo erro, que era o da falta de percepção, intra e extra-canonicamente, da história das metáforas. Para Klingbeil, as metáforas têm estágios de vida e morte, que confundem o intérprete. Desse referencial, ele analisou 507 expressões metafóricas aplicadas a Deus nos Salmos, criando uma tipologia entre metáforas principais, sub-metáforas e ocorrências bíblicas. Na tipologia, Klingbeil, classificou as metáforas em grupos: Deus como Corpo, Deus dos Céus, Deus como Rei, Habitação de Deus, Deus como Refúgio, Deus como Guerreiro, Deus como Juiz, Deus como Rocha, Deus como Escudo, Deus como Pastor, Deus como Salvador, Deus como Anfitrião,

Deus como Pai, Deus como Luz, Deus como Chifre de Salvação, Deus como Sol, Deus como Apoio.

Outro esforço inicial foi o de Brent A. Strawn (2005), em seu “*What is Stronger Than a Lion?*”, que foi fruto de sua tese doutoral defendida em 2001 no Princeton Theological Seminary. Também preocupado, tal qual Klingbeil, com o problema da linguagem sobre Deus nos textos bíblicos e, especialmente, com a forma teriomórfica da linguagem aplicada ao deus israelita, ele enfatizou metáforas como *culturalmente* contextuais (STRAWN, 2005, p. 10). Dessa forma, ele sugeriu ser necessário um trabalho especial de análise que conjugasse fontes bíblicas, epigráficas e imagéticas para que tais metáforas fossem compreendidas por novos leitores. Assim, ao pesquisar o imaginário leonino aplicado a Javé, ele conclui que a metáfora do leão divino revela um lado violento e ameaçador da divindade, mas não menos gracioso.

William P. Brown (2002), em seu “*Seeing the Psalms*”, partiu do pressuposto de que as metáforas icônicas dos salmos não são criações *ex nihilo* (lat. do nada), mas que partilham *dobackground* discursivo e imagético do Antigo Oriente Próximo. Para Brown, a metáfora propulsiona uma colisão entre plano de fundo e primeiro plano, um choque entre a convenção retórica e inovação como manifesta de uma determinada forma e desdobrada em determinado salmo. Assim, da análise das formas, ele analisa a “estrutura iconográfica” dos Salmos. Em sua retórica, o autor afirma que os salmos não precisam apenas ser percebidos em sua métrica, rima ou gênero, mas eles devem ser “vistos”, especialmente pelas imagens que evocam.

Joel LeMon (2007), por sua vez, em seu “*The Iconography of Yahweh’s Winged Form in the Psalms*”, opôs-se às “metáforas icônicas” de Brown, dizendo que sua correspondência ao Antigo Oriente Próximo era muito ampla. Assim, ele utilizou os “círculos concêntricos” do comentário iconográfico de Cantares de Othmar Keel (1994), que dizia que a exata correlação entre imagens e figuras deve partir do círculo de significado da “estrofe”, depois do texto estudado — no caso, o livro de Cantares. LeMon traçou, com isso, cinco critérios para avaliar a iconografia e sua relação com as metáforas bíblicas nos Salmos: (1) o contexto literário do Salmo, i.e., sua estrutura icônica (LeMON, 2007, p. 28-29); (2) o contexto iconográfico, a constelação de imagens que representa; (3) a periodização dos artefatos estudados; (4) a distribuição geográfica dos artefatos; (5) a matéria-prima dos artefatos. Sua análise, portanto, privilegiou o contexto histórico, social e geográfico dos elementos iconográficos, alcançando maior precisão na pesquisa histórico-crítica (BONFIGLIO, 2014, p. 7).

3. Terceira onda: reavaliações metodológicas transcontinentais

A análise metafórico-iconográfica, embora bem-sucedida em analisar poesias, mostrou-se insuficiente para a pesquisa histórica de Israel. Assim, a terceira e atual onda iconográfica preza pela reavaliação metodológica dos estudos anteriores e tenta a sistematização dos métodos iconográficos, observando, em especial, a virada icônica, nos estudos de Cultura Visual nos anos setenta. Essa onda, ao invés de uma escola de pensamento, tem como palco o Grupo de Trabalho *Ancient Near Eastern Iconography and the Bible* da SBL, sob a direção de Brent A. Strawn e Joel LeMon da Emory University (EUA), Martin Klingbeil da Southern Adventist University (EUA) e de Izaak de Hulster da University of Helsinki (Finlândia).

Um marco dessas novas pesquisas se deu na tese doutoral de Izaak de Hulster (2009), *“Iconographic Exegesis and Third Isaiah”*. O estudo, segundo o autor, era uma forma de continuar a caminho de uma incorporação sistemática da iconografia e de materiais figurativos na exegese da Bíblia Hebraica. Assim, do estudo de conceitos hermenêuticos textuais, clássicos na pesquisa histórico-crítica da Bíblia Hebraica e passando pela teoria de Panofsky e pela relação entre Arqueologia e Arte, ele traçou uma teoria da exegese iconográfica, alocando-a dentre passos exegéticos histórico-críticos. Sua principal inovação foi tentar adicionar à exegese histórico-crítica tradicional um novo “passo”, que previa a seleção e análise de materiais pictóricos para os textos do Terceiro Isaías. Sua análise, entretanto, manteve-se extremamente ampla, utilizando topos figurativos para a análise de textos específicos.

Outro esforço se deu na tese doutoral de Ryan Bonfiglio (2014), intitulada *“Reading Images, Seeing Texts: Towards a Visual Hermeneutics for Biblical Studies”*. Dos estudos da “virada pictórica” e da relação entre fé e imagens, característica nos estudos de Cultura Visual Religiosa, ele pensou a relação entre imagem e texto. Sua maior contribuição é o que chamou de tipologia dos “três C’s” (DE HULSTER; STRAWN; BONGIGLIO, 2015, p. 22-32) : (1) *congruência* entre texto-imagem, que pergunta quais imagens podem ser relacionadas e como manifestam temas, motivos e objetos similares; (2) *correlação* entre texto-imagem, que pergunta em qual nível imagens e textos são relacionadas; (3) *contiguidade* entre texto-imagem, que pergunta em qual extensão as linhas históricas de influência ou mecanismos de contato determinam a relação entre um texto e uma imagem. A classificação de Bonfiglio

coopera especialmente à consciência metodológica em métodos cooperativos entre mídias disformes.

Essa tarefa também tem sido priorizada pelos remanescentes de Friburgo. Christoph Uehlinger (2015, p. 384-422), por exemplo, entrouna discussão sobre a Teoria da Religião de forma mais ampla, a partir da Cultura Visual em seu artigo “*Approaches to Visual Culture and Religion*”. Ali, o autor suíço tentou abandonar o reduto “exegético” ou “exegético-iconográfico” para dialogar como cientista da religião cujo objeto de estudo é o Antigo Oriente Próximo e Bíblia Hebraica. Para ele, duas perguntas seriam centrais: (a) porque é difícil estabelecer e articular cultura visual e religião (minúsculas)?; e, (b) sendo necessário articular Cultura Visual e Religião (maiúsculas), quais horizontes metodológicos seriam promissores? Uehlinger diz que a virada visual [*visual turn*] não foi sentida nos estudos da religião e que deveria ter desdobramentos que ultrapassassem a mera “priorização” das imagens, mas sim trazer um novo instrumental de análise. Não é possível, mais se estudar imagens como textos ou discursos e isso torna as análises pobres. Mesmo no paradigma de Panofsky, Uehlinger vê uma prioridade textual sobre a imagética, o que seria necessário refinar nas pesquisas futuras, talvez melhor preparadas na Antropologia Visual. Um caminho possível, que ele aponta, são os estudos de mídia, que tem tirado o foco na imagem e atentado aos processos de comunicação que envolvem emissores/receptores, assim como o próprio movimento da revista *Material Religion*, que enfoca a recepção, mas não menos na produção.

O último avanço, que acabou por constituiu o mais significativo para a popularização dos estudos, foi a construção do livro-texto intitulado *Iconographic Exegesis of the Hebrew Bible/Old Testament*, editado por Hulster, Strawn e Bonfiglio (2015).O livro faz introdução à teoria e prática da Exegese Iconográfica, tanto em relação à análise de imagens do AOP, quanto em sua relação com textos bíblicos, além de trazer dezoito capítulos de aplicação dos métodos iconográficos, com perguntas para estudantes. Embora não haja unificação metodológica, é notável a abrangência dos estudos, que alcançam desde a explicação de termos bíblicos por imagens, passando pela recepção de eventos em imagens/textos e por cenas-tipo na iconografia e exegese e chegando a tratar da recepção de textos bíblicos na arte antiga, cristã e islâmica.

Conclusões

No presente artigo exploramos as origens e desenvolvimentos do que hoje se convencionou chamar “Exegese Iconográfica da Bíblia Hebraica”. Nesse ínterim, pudemos notar que tal metodologia ainda disforme, caracterizada tão somente pela junção de materiais visuais diversos à exegese da Bíblia Hebraica, teve seu início provocado a partir do impacto das descobertas arqueológicas na Palestina e da necessidade de integrá-las ao processo interpretativo da história e sociedade israelitas, especialmente no período pré-exílico. Uma metodologia que fizesse combinar fontes textuais e imagéticas, assim, era não apenas desejada, mas requerida diante das novas interpretações e visto que os arcabouços teórico-metodológicos textuais não ofereciam suporte à leitura de indícios visuais. Imagens não são textos para serem lidos, como comumente se assume, mesmo na avançada teoria panofskyana.

Assim, a partir dos estudos de Othmar Keel, tal método passou a ser gerido primeiramente pensando a partir dos imaginários contidos nos textos poéticos. Nessa primeira onda assumia-se, da teoria linguística, que as palavras (signos) evocavam imagens (significantes) e que estudar as imagens seria uma forma mais exata de se alcançar o que realmente os autores teriam a dizer. Esses esforços, pautados no arcabouço histórico-crítico, fomentaram os estudos da Escola de Friburgo, que passou a tentar recuperar os desenvolvimentos do imaginário no Antigo Oriente Próximo e, em especial, nos tempos do Antigo Israel, utilizando principalmente as artes menores (amuletos e selos) para perceber o que a *utilização* das matérias artísticas dizia sobre o imaginário do povo bíblico, fazendo correspondência por analogia aos estudos exegeticos.

Uma segunda ondase ergueu da chegada dos estudos aos Estados Unidos. Ali, os autores se preocuparam em formar um arcabouço teórico que suportasse a pesquisa iconográfica e cimentasse o uso conjunto entre textos bíblicos/epigráficos dos tempos do Antigo Testamento e das imagens de mesmo local e período. O caminho escolhido foi o da metáfora cognitiva. Assim, examinando a linguagem sobre Deus, especialmente nos textos poéticos, eles tentaram fazer comungar os dois meios de acesso à realidade histórica do Antigo Israel. Tal relação, entretanto, começou a ressaltar alguns problemas metodológicos, como a necessidade de delimitação geográfica para a utilização das fontes, nos materiais visuais e na delimitação linguística mais precisa, no caso da exegese bíblica. Com isso, também ficou evidente a necessidade de se examinar corretamente a proveniência das matérias analisadas. Isso resultou numa exegese iconográfica de caráter teológico, típica do

evangelicalismo norte-americano, em oposição a uma exegese iconográfica na perspectiva da história das religiões, na Suíça.

A terceira e presente onda também partiu de um debate mais intenso entre a escola americana a suíça, que desenhou-se a partir de uma tentativa de esclarecer processos hermenêuticos da interpretação iconográfica. Assim, tendendo à escola suíça e do exame dos métodos linguísticos, Izaak de Hulster tentou, pela primeira vez que temos notícia, adicionar um passo exegético iconográfico aos métodos histórico-críticos e, tendendo ao lado norte-americano, Ryan Bonfiglio, pelo estudo da virada visual e de seus teóricos, tentou ressaltar as múltiplas relações entre imagem e texto (três C's: congruência; correlação; contiguidade). Uehlinger, remanescente de Friburgo, também tentou ampliar a discussão pensando na importância do visual no estudo da Religião, de forma geral. Esses esforços conjuntos culminaram no primeiro manual da Exegese Iconográfica da Bíblia Hebraica/Antigo Testamento. Ainda com métodos disformes, o manual tentou provocar a reflexão e exemplificar a utilização da iconografia para interpretação da história, religião e literatura do Antigo Israel.

Entretanto, esses movimentos mal alcançaram as terras brasileiras, que precisam de alguns esforços para se tornarem viáveis. Primeiramente, é necessária a consciência da necessidade desse método (ou estágio) interpretativo. Como dissemos, a "leitura cega" de textos e imaginários do mundo antigo é irresponsável, por interpretar anacronicamente as imagens por detrás dos textos e, também, a abundância de fontes visuais tornam essa via de acesso não só prioritária, mas necessária para interpretar a cultura e história do povo bíblico. Segundo, é necessário um acesso mais presente às fontes iconográficas. Faltam, em nossas terras, compêndios de imagens, relatórios de escavações e obras que discutam o assunto em nosso vernáculo. Essa escassez de materiais tornam as imagens antigas em estranhas aos olhos do intérprete brasileiro que se aventure nessa empreitada e fazem com que as imagens descobertas se absolutizem no imaginário e, sob a falsa presunção de sua singularidade, distorcemos resultados de pesquisa. Terceiro, é necessário o treinamento em teorias de imagem e da história da interpretação das imagens. O método indutivo de leitura bíblica e os arcabouços ideológicos de leitura devem ceder espaço à discussão de múltiplas formas de acesso à realidade histórica antiga e, nesse ínterim, as imagens devem ser integradas na discussão, como os teóricos da história tem feito na última década (p.ex. BURKE, 2017). Se realizados, tais esforços podem fazer renascer os estudos exegéticos brasileiros, que se não se

tornarem mais precisos, certamente se tornarão mais atraentes num mundo que existe e se compreende na visualidade.

Referências

- ALBERTZ, Rainer. *Historia de La Religion de Israel en tiempos del Antiguo Testamento*. Madrid: Editorial Trotta, 1999
- BICKEL, Susanne; SCHROER, Silvia; SCHURTE, René; UEHLINGER, Christoph. *Bilder as Quellen Images as Sources: studies on ancient Near Eastern artefacts and the Bible inspired by the work of Othmar Keel*. Fribourg: Academic Press Fribourg, 2007
- BONFIGLIO, Ryan. “Images and the Image-Ban in the Hebrew Bible”. In: OBSO. Disponível em: <<http://www.oxfordbiblicalstudies.com/resource/image.xhtml>>. Acesso em: 16/03/2015
- BONFIGLIO, Ryan. *Reading Images, Seeing Texts: Towards a Visual Hermeneutics for Biblical Studies*, 2014. 505 f. Tese (Division of Religion) — Emory University, 2014
- BROWN, William P. *Seeing the Psalms: a theology of metaphor*. London: Westminster John Knox, 2002
- BURKE, Peter. *Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica*. São Paulo: Editora Unesp, 2017
- CARDOSO, S. K. “Materialidade do culto israelita pré-exílico: Análise exegética, arqueológica e iconográfica de alguns objetos de culto”. In: *Plura*, v. 7, p. 138-173, 2016
- DE HULSTER, I.J.; STRAWN, B.A.; BONFIGLIO, R.P. (eds). *Iconographic Exegesis of the Hebrew Bible/Old Testament: An Introduction to Its Method and Practice*. Göttingen: V&R, 2015
- FINKELSTEIN, I. *O Reino Esquecido: Arqueologia e História de Israel Norte*. São Paulo: Paulus, 2015
- GRESSMANN, Hugo. *Altorientalische Bilder Zum Alten Testament*. 2ed. Berlin: de Gruyter, 1927 [1909]

- HACHLILI, Rachel, “Early Jewish Ancient Art”. In: FREEDMAN, David Noel (ed.). *The Anchor Bible Dictionary*. 6 Vols. New York: Doubleday, 1992, Vol 1, p.447-454
- HADLEY, Judith M. *The cult of Asherá in Ancient Israel and Judah: Evidence of a Hebrew Goddess*. UCOP 57. Cambridge: Cambridge University Press, 2000
- KEEL, Othmar. *Goddesses and Trees, New Moon and Yahweh: Ancient Near Eastern Art and the Hebrew Bible*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1998
- KEEL, Othmar. *The Song of Songs*. CCS. Minneapolis, MN: Fortress Press, 1994
- KEEL, Othmar. *The symbolism of the biblical world: Ancient Near Eastern iconography and the book of Psalms*. New York: Seabury Press, 1978 [1972]
- KEEL, Othmar; UEHLINGER, Christoph. *Gods, Goddesses and Images of God in Ancient Israel*. Minneapolis: Fortress Press, 1998
- KLINGBEIL, Martin. *Yahweh Fighting from Heaven: God as Warrior and as God of Heaven in the Hebrew Psalter and Ancient Near Eastern Iconography*. OBO 169. Gottingen: Vandenhoeck & Ruprecht Göttingen, 1999
- KOVECSES, Zoltán. *Metaphor: a practical introduction*. 2ed. New York: Oxford University Press, 2010 [Kindle Edition]
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. Conceptual Metaphor in Everyday Language. In: *The Journal of Philosophy*, v. 77, n.8 (Aug. 1980), p. 453-486
- LAKOFF, George; Johnson, Mark. *Metaphors we live by: with a new afterword*. Chicago: University of Chicago, 2003, [Kindle Edition]
- LeMON, Joel. *The Iconography of Yahweh’s Winged Form in the Psalms*, 2007. 266 f. Tese (Graduate Division of Religion) — Emory University, 2007
- METTINGER, Tryggve. *No Graven Image? Israelite Aniconism in Its Ancient Near Eastern Context*. Stockholm: A&W, 1997
- NIEHR, Herbert. “‘Israelite’ Religion and ‘Canaanite’ Religion”. In: STAVRAKOPOULOU, Francesca; BARTON, John. *Religious Diversity in Ancient Israel and Judah*. London: Bloomsbury T&T Clark, 2013, p. 23-36
- PRITCHARD, James B. *Ancient Near Eastern Pictures Relating to the Old Testament*. 2ed. Princeton: Princeton University Press, 1969 [1954]
- RÖMER, Thomas. *The Invention of God*. London: Oxford, 2015 [ebook]

- SASS, Benjamin; Uehlinger, Cristoph. *Studies in the Iconography of Northwest Semitic Inscribed Seals*. Freiburg, Schweiz: Univerl; Gottingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1993
- SCHROER, Silvia; STAUBLI, Thomas. *Simbolismo do Corpo na Bíblia*. Trad. Paulo Ferreira Valério. São Paulo: Paulinas, 2003
- STAVRAKOPOULOU, Francesca. "Popular' Religion and 'Oficial' Religion: Practice, Perception, Portrayal". In: STAVRAKOPOULOU, Francesca; BARTON, John. *Religious Diversity in Ancient Israel and Judah*. London: Bloomsburry T&T Clark, 2013, p. 37-58
- STRAWN, B. A. "Introduction". In: KEEL, O. *Jerusalem and the One God: A Religious History*. Mineapolis: Fortress Press, 2017, p. xxv-xlii
- STRAWN, B. A. *What is Stronger Than a Lion? Leonine Image and Metaphor in the Hebrew and the Ancient Near East*. OBO 212. Fribourg: Vandnhoeck & Ruprecht Göttingen, 2005
- THATCHER, T.; KEITH, C.; STERN, E. R.; PERSON Jr., R. F. (eds.). *The Dictionary of the Bible and Ancient Media*. London/New York: Bloomsburry, 2017 (no prelo)
- TOORN, Karel Van Der. *The Image and the book: Iconic Cults, Aniconism, and the Rise of Book Religion in Israel and the Ancient Near East*. Leuven: Peeters, 1997, p. 229-248
- UEHLINGER, C. "Approaches to Visual Culture and Religion: Disciplinary Trajectories, Interdisciplinary Connections, and Some Suggestions for Further Progress". In: *Method and Theory in the Study of Religion* 27, 2015, p. 384-422
- WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. Tradução Antônio Seffen. 1ed rev. e atual. São Paulo: Hagnos, 2007
- ZEVIT, Ziony. *The Religions of Ancient Israel: A Synthesis of Parallaxic Approaches*. New York: Continuum, 2001